

Entre-mentes: a fronteira como habitat humaniza-dor

Ana Belchior Melícias¹

RESUMO A autora aborda a noção de fronteira enquanto passagem e travessia. O movimento adquire assim qualidade de espaço – “entre”, “in-between” – constituindo-se como incubadora da intersubjetividade. Segue apresentando a psicanálise como paradigma científico de fronteira (retomando a metáfora freudiana de “solda”); a mente como funcionamento de fronteira (reunindo na palavra “entre-mentes”, a relação inextrincável em movimento contínuo e tensão permanente eu-não eu); e a fronteira como habitat humano e humaniza-dor (fronteira-movimento criando e coexistindo com a livre circulação). A *revêrie* do processo analítico favorece a criação de fronteiras psíquicas: os conteúdos ao serem contidos, sonhados e figurados-narrados passam a poder circular e a dialogar livremente. Duas vinhetas clínicas ilustram as “rotas de escravidão” do psiquismo e a correlata e progressiva construção dinâmica da fronteira como espaço potencial de libertação e de articulação.

PALAVRAS-CHAVE fronteira; movimento; transicionalidade; barreira de contato; borderland

“Quem comanda o conto não é a voz: é o ouvido.”

(Calvino, 2016, p. 147)

1. Psicanalista Associada da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Analista da Criança e do Adolescente. Formadora do Instituto de Psicanálise da SPP.

Existimos e compreendemos através da relação com o outro e o outro é sempre estrangeiro (não eu) no diálogo relacional. Articulando este trabalho² na confluência do encontro entre as culturas europeia, africana e sul-americana, tentaremos colocar em diálogo, através da metáfora literária de Calvino que se segue, algumas referências psicanalíticas e a abordagem de movimento e passagem formulado por Achille Mbembe. Pensador de África e da cultura pré e pós-colonial, suas elaborações “atravessam várias fronteiras disciplinares: são obra de filosofia, mas também de antropologia, de história, de ciência política, de crítica e teoria da cultura” (Mbembe, 2018, p. 01). Sua vasta obra não se constitui como objeto deste trabalho e não ousaríamos utilizar consistente e coerentemente os profundos e diversos entrelaçamentos epistemológicos. Nós nos limitaremos a apresentar como indutores não saturados alguns elos entre aquilo que ele próprio chama de os vários arquivos do mundo.

Para figurar o paradoxo de “ser humano e dos seus custos”,³ tomamos o encontro de dois mundos distantes e alienígenas entre o mongol Kublai Khan e o veneziano Marco Polo, cujas cidades invisíveis, tal como nos movimentos transfero-contratransferenciais do processo analítico, vão sendo figuradas-narradas pela *revêrie* do diálogo sonhado-a-dois (Cassorla, 2016).

Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.

– Mas qual é a pedra que sustém a ponte? – pergunta Kublai Khan

– A ponte não é sustida por esta ou aquela pedra – responde Marco, mas sim pela linha do arco que elas formam.

Kublai Khan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta:

– Por que me falas das pedras? É só o arco que me importa.

Polo responde:

– Sem pedras não há arco (Calvino, 2016, p. 93).

A palavra-chave deste trabalho é fronteira. Como arco/ponte, como movimento e travessia. O tema é simultaneamente as pedras e o arco que elas formam, assumindo que, ao falar da pedra, representamos o arco e que, ao figurar o arco, incluímos necessariamente cada pedra que o constitui, sem que tenhamos nun-

2. Apresentado no IV Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa – Rotas da Escravidão – de 15 a 17 de novembro de 2018, na Cidade do Mindelo, em Cabo Verde.

3. Mesa “Os custos do Ser Humano e o de Ser Humano”.

ca acesso nem ao arco nem a cada pedra em si. Talvez a função de ligação e articulação que caracteriza a (pulsão) vida se traduza no encantamento com as pontes e com os arcos, experimentados desde cedo através do corpo nas brincadeiras das crianças, mais tarde na construção com blocos e depois ainda tanto nas realizações que a ciência permite como nas infinitas expressões artísticas e culturais. Pedra e arco, ponte e ligação, inextrincáveis.

No paradigma africano pré-colonial, as fronteiras não existem porque a fronteira é o que bloqueia, por definição, a circulação do fluxo vital. **A vida está no movimento, não está necessariamente no espaço.** Se ela se traduz em espaço, é através do modo como o espaço é apreendido num movimento (Mbembe, 2018, p. 04, grifo do autor....).

Tomando a fronteira como movimento, invertendo portanto o seu significado habitual e imediato, lanço mão dos conceitos psicanalíticos de espaço potencial-intermediário (Winnicott, 1971/1975), de barreira de contato (Bion, 1994) e de *borderland* (Dias, 2004) para com eles atravessar algumas pontes:

- a psicanálise como paradigma científico de fronteira
- a mente como funcionamento de fronteira
- a fronteira como habitat humaniza-dor

A psicanálise como paradigma científico de fronteira

Uma grande parte da metafísica ocidental são metafísicas do ser, são questões de ontologia. Boa parte das metafísicas africanas pré-coloniais são **metafísicas da relação**, as grandes interrogações partem da categoria da relação (Mbembe, 2018, p. 08, grifo do autor).

Já no fim, em 1937, com uma maior perspectiva do arco formado pelas pedras da sua conceptualização, Freud coloca: “No mundo real, as transições e estados intermediários são muito mais comuns do que estádios opostos, nitidamente diferenciados” (Freud, 1937/1982, p. 260). Sabemos pelos aprofundamentos kleinianos e pós-kleinianos que o mundo psíquico e o mundo relacional se constroem pela e na oscilação permanente. O movimento acontece e gera simultaneamente o espaço potencial-intermediário “entre”, “in-between”, e assim se constitui como incubadora e se torna por excelência, o habitat humano e humaniza-dor.

Esse “entre” forja a própria origem da psicanálise, descoberta e inventada na fronteira entre o biológico e o psíquico. Para construir a ponte entre o cons-

titucional e o ambiente, Freud utilizou a bem conhecida metáfora da “solda”, diferenciando instinto de pulsão, num dos textos fundadores da psicanálise: “[...] há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda...” (Freud, 1905/1996, p. 91). Esta conceptualização ilustra bem a complexidade da necessária construção de ligação com o objeto, não sendo ela da ordem da ligação natural, como no campo biológico, onde o objeto existe englobado no instinto, num *a-priori*. O bebê humano, nascido biologicamente imaturo, encontra-se externa e internamente desamparado e dependente. É então obrigado a construir a ligação de alimentação-afeto, sem a qual não sobreviverá. Impõe-se a tal “solda” – uma terceira coisa – conectando pulsão e objeto. Solda como arco da ponte com o objeto. Solda como paradigma de ligação, contrapondo-se aqui ao usualmente aventado caráter de rigidez que esta palavra induz, no sentido de uma articulação fundadora e, como tal, contingente, resistente e desejavelmente sólida do psiquismo. A própria solda será sempre o ponto vulnerável de ruptura, “há apenas uma solda...”, de possível rompimento pela tensão permanente.

É pela mediação ambivalente e a tessitura híbrida (não fusionada) entre o eu e o outro, entre o biológico e o psíquico, entre o prazer e a realidade, entre a emoção e a representação que emerge o pensamento e que a unidade psicossoma vai sendo alcançada. O mundo interno e relacional existe e se constitui no movimento contínuo da passagem de uma à outra. A própria pulsão de vida, sem a de morte, daria lugar à fusão e não ao conhecimento (K de Bion). É o conflito pulsional que introduz o “entre”.

A capacidade negativa e o conflito estético revelam a tensão permanente do movimento dessa complexa articulação dinâmica – biológico-pulsional; corpo-mente; filogênese-ontogênese; inato-adquirido; feminino-masculino na bissexualidade psíquica etc. A psicanálise constitui-se epistemologicamente como complementariedade e interdependência: pedra e arco. Talvez possamos pensar que se instalou, desde a sua origem, o paradigma científico de fronteira como movimento, trânsito, passagem.

A mente como funcionamento de fronteira

A cultura africana pré-colonial considera que o universo não é hierárquico, não é uma questão de verticalidade e de horizontalidade, considera-se que o **universo é reticular**. E, se o universo é reticular, isso quer dizer que o eu só acede a si pela mediação estrutural e permanentemente ambígua de alguém, de outro ser vivo (Mbembe, 2018, p. 08, grifo do autor).

Também na psicanálise, o universo reticular do conhecimento se expande integrando e conectando-se em rede. Ferenczi (1991), antecipando-se à segunda tópica freudiana para ir mais além, introduz a intersubjetividade na constituição simultânea do objeto e do eu desde 1911-12. Bick (1964), ao criar o seu método de observação em 1948, expressa com clareza a relevância dessa constituição no título que propõe para o seu modelo: “observação da relação mãe-bebê na família”. Winnicott, nunca tendo citado Ferenczi, reconhece em 1965 que utilizou a teorização ferencziana, patente aliás no seu famoso aforismo: “There is no such a thing as a baby” ou “o bebê em si não existe” (1960/1965, p. 39).

A interdependência entre a mãe e o bebê, igualmente bem ilustrada na díade analítica “theres is no such a thing as a patient” ou “o paciente em si não existe” (Leffert, 2016, p. 181), revela a presença da mediação, da transicionalidade, do movimento. Mbembe (2018, p. 08) está de acordo que só existimos através da mediação de outro. Mas sabemos que duas mentes em relação criam uma terceira coisa, nem de um, nem de outro, que nomearemos “entre-mentes”, contendo tanto a dimensão de espaço (que separa dois objetos ou regiões) como a dimensão de tempo (entretanto, no ínterim, enquanto isso).

Esse funcionamento “entre-mentes” só será possível ao virem a ser progressivamente clarificadas as distintas funções e evolutivamente estabelecidas as clivagens estruturantes (dentro-fora, eu-outro, grandes-pequenos, meninos-meninas). Só na medida em que forem estabelecidos esses limites/fronteiras poderão então romper-se as dicotomias, pois a reciprocidade e a complementariedade relacional passam a dialogar, gerando dialeticamente o movimento, a travessia, a ponte. Voltamos ao fascinante diálogo de Italo Calvino (2016, p. 93). “Khan: Por que me falas das pedras? É só o arco que me importa. Polo responde: Sem pedras não há arco”.

Como no processo analítico, discriminadas as estruturais pedras-angulares tal como as restantes pedras que constituem a linha do arco, o funcionamento “entre-mentes” vai sendo progressivamente tetradimensionalizado e a narrativa vai nascendo da co-construção num tempo simultaneamente mítico e histórico, criando o pensamento como ponte na continuidade do tempo.

Será esse o campo que Green considera constituir a 3ª tópica na psicanálise contemporânea com as noções de transicionalidade, de campo e de terceiridade? A pedra não é o arco, mas cria a linha do arco. O arco não é a pedra, mas só existe pelas pedras que o compõem. A metapsicologia topográfica, estrutural e econômica freudiana amplia-se com a metapsicologia geográfica

de Klein e Meltzer, expandindo-se atualmente para a metapsicologia da terceira idade (Junior, 2015) e do campo, possivelmente caminhando na direção de uma metapsicologia do movimento como a que nos propõe Mbembe através das filosofias africanas. Movimento (que cria o espaço) num universo reticular (e não horizontal ou vertical), reivindicando um pensamento-mundo: “[...] se queremos hoje salvar-nos, não podemos continuar a contentarmo-nos com um só arquivo, é necessário ir aos arquivos do mundo inteiro. Esse é um grande desafio” (Mbembe, 2018, p. 08-09).

Talvez também a psicanálise tenha de conter e contar simultaneamente com todos os arquivos do mundo interno e externo. Parece ser na articulação e na plasticidade dinâmica do movimento que a vida acontece. Habitamos interna e externamente, espacial e temporalmente esse “entre-mentes”, cujo movimento e oscilação contínua entrelaçam dialeticamente: a fronteira-limite e a fronteira-movimento-livre circulação; o *setting* externo e a associação livre como *setting* interno; o campo analista-analisando e a *revêrie*; a pulsão de vida e a pulsão de morte; a transferência e a contratransferência; a imaginação e a realidade; o narcísico e o edípico; o sensorial e a representação; o esquizopara-noide e o depressivo; o bebê e a mãe, etc.

A fronteira como habitat humaniza-dor

Nas sociedades africanas pré-coloniais, o movimento, a circulação, é a condição de princípio de toda as dimensões da sociedade: as culturas, as re-ligiões, os sistemas matrimoniais, os sistemas comerciais, tudo isso era o produto do movimento. **O movimento precede o espaço, o território. É o movimento que fabrica o espaço.** É completamente diferente da concepção europeia, em que o espaço vem antes do movimento. Em África é o contrário (Mbembe, 2018, p. 03, grifo do autor).

A *revêrie* do processo analítico permite a crescente criação de fronteiras através da mediação simbólica, ou seja, da construção de uma barreira de contato (Bion, 1994), onde os conteúdos, na medida em que vão sendo clarificados e transformados pela função alfa, poderão passar a circular e a dialogar livremente.

A fronteira, cujo sentido não será de con-fusão, mas sim de co-construção e coexistência, torna-se ponte ao criar e incorporar a livre circulação, numa atmosfera multidimensional cujo paradigma será a passagem, o movimento.

Emerge aqui como muito pertinente o conceito de *borderland*, criado por Dias (2004) como modelo teórico-clínico sobre as patologias-limite, ditas

borderline, situando-se entre o que une e desune os territórios ou organizações do funcionamento mental, ou seja, o que une e separa as duas linhas, a neurótica e a psicótica. “A linha intermediária, é algo muito mais fluido e extremamente mais fluido do ponto de vista dos arranjos psicopatológicos do que qualquer das outras linhas” (Dias, 2004, p. 11). O fio que utiliza para costurar as duas linhas é a questão do pensamento, da sua formação, organização e (des)construção e da formação de símbolos, articulada através da relação entre percepção e pensamento. Apesar de afirmar não seguir propositadamente a conceptualização bioniana (p. 37) da coexistência na personalidade de partes neuróticas e partes psicóticas, parece não conseguir escapar justamente desse território plástico, polimorfo e polissêmico, da fronteira, do “border” e da articulação.

A originalidade da proposta é opor à *line* – linha-fronteira-que-separa – a *land* – território-espaço-que-liga. Este conceito pós-bioniano é de extrema utilidade na clínica, pois a alternância entre os funcionamentos na oscilação permanente $Ps \longleftrightarrow D$, (posição esquizo-paranoide $\longleftrightarrow$ posição depressiva) acontece no território fronteiro intra e intersíquico. A teorização ferencziana apontava já no sentido de que não é a falta que define o funcionamento mental, indicando, portanto, que não é da falta que nos devemos ocupar, mas sim dos processos e da necessidade de articular. E *borderland* traz consigo a flexibilidade de expansão do pensamento no jogo dilatação-retração ou evolução-regressão dinâmica da mente. Como espaço tetradimensionalizado, separa-ligando ou liga-separando, tal como o modelo da ponte.

E não será este o habitat por excelência da mente? Sem o sensorial, a mente definharia desnutrida pela falta de poesia. Sem a emoção, o pensamento ficaria engessado e aprisionado numa bizarra racionalidade. Sem o negativo, estaríamos fadados à concretude do bidimensional. O que seria da arte e da criatividade sem o sonho e vice-versa? Diz ainda Dias (2004, p. 27): “A capacidade de a mente tolerar um maior número de elementos β é correlacionável diretamente com a capacidade que ela tem de utilizar a função α para produzir um maior número de elementos α . O pensamento é uma correlação direta com o não pensamento”.

A saúde mental e a criatividade florescem assim nessa *borderland*, fronteira-movimento *entre-mentes*. E o movimento contínuo e a pulsação continente-contéudo criam o habitat humaniza-dor. Mas, para ele poder ser humanizador, parece-me que “os custos do ser humano e o de ser humano” seriam os de conseguir suportar em capacidade negativa e em incerteza os enigmas do conflito pulsional e os mistérios do conflito estético.

Construtiva des-construção

Duas vinhetas clínicas,⁴ como narrativas oníricas, ilustram as rotas de escravidão do psiquismo, atravessando os temas da submissão (pulsão), da escravatura (compulsão à repetição) e da con-fusão (negação do terceiro e da alteridade), assim como a correlata e progressiva construção da fronteira como potencial de libertação e de articulação.

Dois casos que se complementam entre si. Dois casos cujos temas (conteúdos) fazem uma ponte inequívoca com África. Duas análises correspondendo à co-construção da carta de alforria das partes escravizadas do self. Partes que se encontram submetidas, silenciadas, desvalorizadas, fusionadas, clivadas, traumatizadas, aprisionadas, paralisadas etc. Dois casos que se complementam e que vão se interconectando em rede e circulando em expansivas e criativas paisagens e atmosferas emocionais, no movimento contínuo da transferência e da contratransferência no decorrer do processo analítico.

Eu, caçador de mim...

Sem conseguir dormir, Henrique chega transbordando ansiedade em fantasias suicidas. É caçador e, por isso, tem armas à mão. No seu funcionamento predomina a morte, pela qual se sente ameaçado e da qual tenta escapar, agindo-a, sem conseguir integrá-la a seu favor, a favor da vida. Sente grande desconforto na relação conjugal, encontra-se desesperançado e desencantado pelo futuro dos filhos ao se tornarem adultos, achando que não soube protegê-los e impulsioná-los e, finalmente, assustado com o impasse profissional que o impele a tomar as rédeas da sua própria empresa, exigindo uma mudança de rumo. Submetido à desvitalização interna, agirá a morte externamente, caçando, num ciclo de compulsão à repetição?

Conta frequentemente das caçadas, viagens e aventuras. Repleto de sutilezas insuspeitadas, vou aprendendo sobre um mundo desconhecido, pela sua relação com a natureza e com os animais. Não sinto, paradoxalmente, nos movimentos transferenciais, a invasão de uma eventual “animalidade” e crueldade

4. De acordo com as mais recentes indicações éticas da IPA sobre a confidencialidade: Ethics Committee Newsletter Piece: Confidentiality and Case Reporting. For the IPA Ethics Committee by Howard B. Levine, MD. In: https://www.ipa.world/IPA/en/comment/confidentiality_reporting.aspx

difíceis de suportar e conter. Ao contrário, instala-se um clima de confiança e uma delicadeza de sentimentos que parece não combinar com o impacto habitual da sua atividade e tema preferidos: a caça. Ecoa frequentemente dentro de mim a música cantada por Milton Nascimento – “Caçador de mim”. Parece traduzir de forma tão precisa quanto onírica o campo analítico.

Por tanto amor / Por tanta emoção / A vida me fez assim / Doce ou atroz / Manso ou feroz / Eu caçador de mim / Preso a canções / Entregue a paixões / Que nunca tiveram fim / Vou me encontrar / Longe do meu lugar / Eu caçador de mim / Nada a temer senão o correr da luta / Nada a fazer senão esquecer o medo / Abrir o peito à força numa procura / Fugir das armadilhas da mata escura / Longe se vai, sonhando demais / Mas onde se chega assim / Vou descobrir / O que me faz sentir / Eu caçador de mim.⁵

“Abrindo o peito à força numa procura”, Henrique vai adentrando a análise, temerosa mas corajosamente. Vamos tentando descobrir o que nos faz sentir caçadores de nós próprios... Caçamos as nossas partes frágeis e vulneráveis, tentando de várias maneiras delas nos livrarmos? Caçamos num eterno jogo de poder e submetimento, idealizando os deuses e suas potências sobre-humanas? Caçamos a besta pulsional que nos inquieta e desassossega? Mata-se como ritual para exorcizar a morte?

Conta diferentes caçadas com interesse, despertando a minha atenção e surpreendendo-me por me deixar envolver por um mundo, *a priori*, aversivo. Me encontro parafraseando internamente muitas vezes a famosa pergunta freudiana “afinal o que querem as mulheres?” em “afinal por que caçam os homens?”. Tento manter-me pensante e prescruto vigilante algum “pré-conceito” não facilitador da tal capacidade negativa para navegar a incerteza.

Gradativamente, as descrições dessas paisagens distantes passam a trazer com maior clareza as paisagens de dentro: cenas primitivas com todo o magnetismo da mãe natureza junto à necessidade de pôr à prova, cruelmente, a virilidade e dominar a fera (pulsional). Na paisagem do campo analítico nada surge como cruel ou violento, inquietando a analista. Ao contrário, vai-se instalando a enorme sensibilidade “feminina” da sua bissexualidade clivada, que teme acolher e integrar. Deposita toda a sensibilidade artística e criativa

5. “Caçador de mim”. (1981). Letra e música: Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá. Cantada por Milton Nascimento. Álbum do mesmo nome, gravadora Ariola.

na mulher, na mãe, na analista. E também com as três faz uma espécie de cerimónia, como se pudesse contaminar-se ao comungar com elas da verdadeira intimidade que busca.

Não fez o luto do seu melhor amigo, do pai, mas, acima de tudo, do cão, fiel companheiro de caça com o qual se permitia o tal afeto especial. Os lutos por fazer ensombram o seu ego carregado de partes mortas e desintegradas. Parece ter vivido a sua infância num estado sonâmbulo com algumas separações traumáticas. Da adolescência, relata poucos excessos e muitos medos, promovendo uma certa depressividade e um progressivo desligamento afetivo. A vida esbate-se e descolora-se. Afasta-se da intensidade bruta-pulsional, tratando-o como inimigo em vez de a sentir um potente recurso, e teme contaminar-se com o feminino e sua aura de fragilidade e vulnerabilidade, que repudia. Construiu um self funcional que até agora foi dando conta dos mínimos relacionais: desvitalizados, sem prazer.

No terceiro ano de análise, começam a surgir os sonhos, e a narrativa onírica vai figurando a organização interna dos múltiplos personagens. A caça começa a inquietá-lo e a ser questionada... Imagina que deixaria de caçar se conseguisse ultrapassar o maior dos medos de um caçador: caçar um búfalo em África! Parece ser o medo que o mantém aprisionado, investindo nesta meta, sem a qual sente não poder parar, não ter cumprido o ciclo, como um ritual de passagem. Representará ela a última etapa na afirmação da sua masculinidade que considera fragilmente estabelecida, ele que foi o último filho numa fratria masculina e sempre se imaginou desejado pelos pais como menina?

Henrique vai-se aproximando temerosamente dos afetos, conseguindo criar simultaneamente as fronteiras ao discriminá-los, e a livre circulação vai sendo cada vez mais possível. Vai circulando nas diferentes dimensões que se encontravam clivadas, dando-lhes um sentido e integrando-as numa narrativa progressivamente transformada.

Um dia verbaliza o seu medo de que a análise esteja transformando-o num “maricas”. Conta preocupado que foi a uma caçada e não conseguiu disparar nem um único tiro. Em compensação, não se cansou de disparar a máquina fotográfica. Está assustado, pois não consegue perceber o que sente, porque até gostou. Fez fotografias lindas das paisagens e dos animais em relação com a natureza, sentindo um prazer inusitado de não intervir, observando a harmonia e a conexão entre os diversos elementos. Disparar com a máquina ou com a arma? Integrar um lado feminino-sensível-criativo ou agir para comprovar a sua masculinidade?

As fronteiras mais estabelecidas, permitem o movimento e a livre circulação, ou seja, a passagem de uma dimensão à outra torna-se não só mais possível, mas acima de tudo complementar.

Escravizada e escondida dos caçadores...

Selma chega muito esquecida de si, da sua história, e por isso muito aprisionada e escravizada a uma transgeracionalidade di-fusa e con-fusa. Nas primeiras sessões traz um sonho: “Estava escondida no topo de uma árvore, agachada, como se fosse um macaco, um primata, escondia-me dos caçadores. Aquilo era um terreno vasto mas cercado. Talvez uma reserva natural, talvez as terras de um senhor... só lembro do susto, do medo. Era tudo medo...”. Passado pouco tempo, outro sonho: “Havia uma casa grande, e estavam a chegar os homens e tínhamos de nos esconder. Eu e um grupo de mulheres escondemo-nos abrindo um alçapão do chão de uma casa e entramos todas lá para baixo. Escuridão e medo, muito medo, só medo...”.

Ao longo da análise, comportando-se como escrava aprisionada, cuja voz nem se fazia ouvir, entrava assustada e pairava o clima afetivo de “medo, muito medo, só medo...”. Um terror sem nome que vai gradativamente sendo alfabetizado e sonhado-a-dois. Longos silêncios, longas pausas, palavras sussuradas e inaudíveis, frases entrecortadas, vou aprendendo a tolerar e a respeitar esse clima de sofrida fragmentação. E aguardo, também agachada no topo de uma árvore como escrava de um território que desconhecemos, igualmente assustada pela difusão de amanheceres de neblina densa, e capturada em silêncios de cortar à faca, em longos corredores e escuros alçapões que se abrem. E vamos lentamente tentando dar um sentido ao medo, ao terror. Desde o início, o maior terror era a eventual interrupção iminente e catastrófica da análise por questões da realidade que se iriam impor traumáticamente, mais dia menos dia.

O novelo da sua história complexa vai se desenrolando. Dando-lhe a mão, caminho junto com Selma, que se vai sentindo acompanhada e se permite pesquisar mais e mais. Dentro e fora. Vamos sonhando e organizando uma narrativa... “Do lado materno, há um bisavô português, guarda fronteiroço em Moçambique. Casa com uma mulher negra, que renuncia à sua tribo, dela se afastando para viver com ele. Uma história de amor romântico, de onde nasce o meu avô mulato”. Selma prossegue: “A minha avó materna era filha ilegítima de uma escocesa e de um grande senhor agrícola de Portugal. Como ele era casado e não reconheceu a filha, a minha bisavó imigrou para Moçambique.

Casou lá com um militar escocês (almirante) que lutou na Guerra Anglo-Zulu, na fronteira entre África do Sul e Moçambique. Um dia, a minha avó, branca, descendente de escoceses, encontrou um homem mulato. Apaixonaram-se, casaram e tiveram sete filhos. Todos com traços mestiços, menos a minha mãe e a minha tia mais nova”. Do lado paterno, ambos os avós portugueses imigraram com seus pais para Moçambique quando tinham entre 12 e 16 anos:

A minha avó paterna tinha uns 12 anos quando a minha bisavó imigrou para Moçambique. Tinha lá uma propriedade grande, uma “farm” como eles diziam, com “empregados”, assim ela os chamava. Eles eram na verdade escravos. Ela tinha um tronco onde os prendia e chicoteava... Eu cheguei a conhecer essa bisavó. Era uma pessoa má, mesmo horrível. A minha avó sempre chamou a minha mãe de mestiça e teve muita pena que o seu único filho, meu pai, casasse com uma mestiça. Referia-se sempre à cor mais escura, minha e do meu irmão, e temia que descobrissem isso em nós, dizendo-me frequentemente para fazer escova com secador alisando os cabelos. Sempre um terror com essa coisa da mestiçagem. E se a minha mãe era linda...

Selma vai des-confusionando esta história fragmentada que a habita transgeracionalmente, como mostram os sonhos do início, nos quais “era tudo medo...”. Portugueses, negros, escoceses, mulatos e mestiços, militares e agricultores, racismo e escravatura, traições e segredos são pensamentos sem pensador no seu funcionamento mental. Silenciados e anteriores à sua própria existência, determinaram fortemente a paisagem emocional da sua vida, sem que conseguisse usufruir dessa riqueza.

Passados quatro anos de análise, mais desintoxicada e unificada pela coesão crescente das narrativas, atreve-se a realizar o sonho de toda uma vida: ir pela primeira vez a Moçambique. Terra natal de ambos os pais e do irmão, acentuou o sentimento de exclusão e não pertença de Selma já nascida em Portugal, logo após a descolonização. Poder vivenciar o cenário das experiências emocionais que, não identificando como suas, sentia como corpos estranhos, permite-lhe apossar-se finalmente dos lugares, dos familiares e das histórias passadas. Ampliando conexões e sentidos, parece ter alcançado o direito de viver a sua história atual e real, movimentando-se livremente fora e dentro. Sem o medo, sem a escuridão, sem o terror, que pode agora ser nomeado, caminha mais adulta e suportando melhor as dores inevitáveis da vida, apoiando-se na sua “inter-net” e nas conexões visivelmente alargadas nos mundos pessoal, familiar e profissional.

Co-construiu na análise a sua carta de alforria. Pensar, depois de Bion, parece ser a criação de um espaço de autoria, de singularidade e de liberdade, onde as pontes passam a estar mais fortalecidas e articuladas.

Terminando...

[...] a filosofia africana do movimento, pré-colonial, assemelha-se a uma lógica própria do mundo digital, em que, no fundo, se trata de **pôr em conexão, em rede**, e não de categorizar, de classificar, de hierarquizar e limitar o movimento (Mbembe, 2018, p. 04, grifo do autor).

A mediação simbólica, através da figuração e da narratividade, vai permitindo um entrelaçamento de padrões e tessituras, em permanente transformação, que se fazem-desfazem-refazem nos complexos movimentos transferenciais e contra-transferenciais do campo analítico. O sonho-a-dois (Cassorla, 2016) cria assim uma contínua e construtiva des-construção de espaços onírico-moebianos, como os das cidades do diálogo Khan-Polo, no qual “quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido”. No longo diálogo da longa travessia do processo analítico, ouvido e voz se incorporam: escutando vai-se criando a narrativa e é no diálogo entre mundos estrangeiros (eu-não eu, sensorial-simbólico, beta-alfa, realidade-fantasia) que cada narrativa se torna possível e ganha sentido. Como diz Germano de Almeida sobre o crioulo e o português, “O objetivo não é criar uma língua híbrida, mas usar as duas, colocá-las numa relação quase erótica em que uma traz aquilo que a outra não tem, uma diz o que a outra ainda não consegue dizer” (2018, p. 09).

O diálogo que caracteriza o próprio funcionamento psíquico parece ser gerado na e pela oscilação permanente “entre-mentes” numa *bordeland*: psicose-neurose, Narciso-Édipo, Ps<—>D, infância-idade adulta, proto-psíquico, sensorial-representação. A coexistência dessas configurações surge bem ilustrada na seguinte piada: “O português chega ao Rio de Janeiro e pega um táxi no aeroporto. No meio do caminho, o carro quebra, o taxista encosta e pede-lhe para sair e verificar se o pisca-alerta está funcionando. O português sai e diz: agora está, agora não, agora está, agora não...”. O funcionamento psíquico e o analítico parecem, como o “pisca-alerta”, acontecer nos interstícios,⁶ no “entre”,

6. Cientistas dos EUA propuseram este ano que o interstício, formado por um espaço com fluido em circulação, se torne um órgão do corpo humano. Em: <https://www.publico.pt/2018/03/28/ciencia/noticia/descoberto-o-intersticio-um-novo-orgao-do-corpo-humano-1808248>

no intermediário e na passagem permanente de um a outro: movimento em circulação perpétua, remetendo a uma dinâmica vitalizada e criativa.

A construção de um aparelho para pensar os pensamentos e de uma crescente alfa-betização de todos esses níveis possibilita a sua coexistência numa rede multidimensional, como a expectável integração da agressividade/morte a serviço do amor/vida, integração esta que poderá sofrer desintegrações e reintegrações (Melícias, 2018).

Vivemos num funcionamento “entre-mentes”. Dialogamos e sonhamos nessa *borderland*, no campo do movimento, do hibridismo e da intersubjetividade. Somos fora e dentro, pedra e arco, ponte e diálogo. Fronteira criando a livre circulação, cidadãos do mundo-mente, aliados de todas as nações-funcionamentos.

Caberia construir psiquicamente um passaporte *Laissez-Passer*, como o das Nações Unidas, ou desejar que o *Global Citizen Passport*⁷, seja o início da realização da utopia do conceito africano *ubuntu*⁸ – palavra Nguni Bantu, que significa a qualidade de ser humano, um elo universal de partilha e ligação que conecta todos e se manifesta em todas as esferas da vida.

Between-minds: the border as a humanising habitat

ABSTRACT *The author approaches the notion of border as a passage and crossing. The movement thus acquires quality of space – “in-between” – constituting itself as an incubator of intersubjectivity. She goes on to present: psychoanalysis as a border scientific paradigm (taking up the Freudian “weld” metaphor); the mind as a border operation (bringing together in the word “between-minds”, the inextricable relation in continuous movement and permanent tension I - not-I); and the border as a human and humanizing habitat (border-movement creating and coexisting with free circulation). The rêverie of the analytical process favors the creation of psychic boundaries: contents when they are contained, dreamed and figured-narrated, become able to circulate and dialogue freely. Two clinical vignettes illustrate the “slave routes” of the psyche and the correlative and progressive dynamic construction of the border as a potential space of liberation and articulation.*

KEYWORDS *border; movement; transitionality; barrier of contact; borderland*

7. Recentemente lançado pela Organização Mundial do Turismo.

8. Em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_philosophy

Entre-mentes: la frontera como hábitat humanizante

RESUMEN La autora aborda la noción de frontera como paso y travesía. El movimiento adquiere así calidad de espacio – “entre”, “in-between” – constituyéndose como incubadora de la intersubjetividad. Sigue presentando: el psicoanálisis como paradigma científico de frontera (retomando la metáfora freudiana de “soldadura”); la mente como funcionamiento de frontera (reuniendo en la palabra “entre-mentes”, la relación inextricable en movimiento continuo y tensión permanente yo-no-yo); y la frontera como hábitat humano y humanizante (frontera-movimiento creando y coexistiendo con la libre circulación). La rêverie del proceso analítico favorece la creación de fronteras psíquicas: los contenidos al ser contenidos, soñados y figurados-narrados pasan a poder circular y dialogar libremente. Dos viñetas clínicas, ilustran las “rutas de esclavitud” del psiquismo y la correlata y progresiva construcción dinámica de la frontera como espacio potencial de liberación y de articulación.

PALAVRAS CLAVE frontera; movimiento; transicionalidad; barrera de contacto; borderland

Referências

- Almeida, G. (2018). Não me peçam desculpa pelos meus antepassados, tratem-me a mim como gente. Entrevista a Germano de Almeida por Joana Emídio Marques no jornal *Observador*, p. 01-16. Disponível em: <https://observador.pt/2018/07/01/germano-almeida-nao-me-pecam-desculpa-pelos-meus-antepassados-tratem-me-a-mim-como-gente/>. Acesso em 11/07/2018
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.
- Bion, W.R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados*. 3ª ed. Trad. Wellington M. de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago.
- Calvino, I. (2002/2016). *As cidades invisíveis*. 3ª ed. Trad. José Colaço Barreiros. Lisboa: D. Quixote.
- Cassorla, R.M.S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.
- Dias, C.A. (2004). *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderland*. Lisboa: Climepsi.
- Ferenczi, S. (1991). O conceito de introjeção. In *Sándor Ferenczi – Obras Completas* Vol. I, cap. XVI. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1982). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1937).

- Junior, N.E.C. (2015). Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. *Cad. Psicanál.* – CPRJ, v. 37, n. 32, p. 175-195, Rio de Janeiro, jan./jun. 2015.
- Leffert, M. (2016). Modern and postmodern trends in psychoanalysis. *Japa*, 55 (1), 178-197. Downloaded from apa.sagepub.com at Pennsylvania State Univ on September 15, 2016.
- Mbembe, A. (2018). África é a última fronteira do capitalismo. Entrevista a Achille Mbembe por António Guerreiro no jornal *Público*, p. 01-09. Disponível em: https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/entrevista/africa-ult...Newsletters+Editoriais&utm_source=e-goi&utm_medium=email. Acesso em 09/12/2018
- Melícias, A.B. (2018). Sísifo e Héracles: o trabalho do conflito pulsional. *IDE*, São Paulo – Inveja, 40 (65), 139-156, nov. 2018.
- Winnicott, D.W. (1960). The theory of the parent-infant relationship. In D.W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment* (p. 37-55). New York: International Universities Press. [n.1, 1965.]
- Winnicott, D.W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vane-de Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido:12/1/2019

Aceito: 19/4/2019

Ana Belchior Melícias
Praça das Águas Livres - 8 - SL 1
1250-001 Lisboa - Portugal
+351 919550044
ana.melicias@gmail.com